

A NOÇÃO DE FALA LETRADA: ORALIDADE, LETRAMENTO E DISCURSO  
 MARIA CRISTINA DE SIQUEIRA NOGUEIRA (PUC-SP)

Este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos que têm sido abordados sobre a noção de fala letrada e discuti-los em relação ao trabalho que estamos desenvolvendo no Projeto Integrado de Pesquisa "Letramento e Desenvolvimento de Linguagem Escrita: construção social, ensino e aprendizagem de língua escrita."

Na literatura da área de aquisição de linguagem (tanto oral, quanto escrita) temos encontrado alguns autores que, de diversos enfoques, apontam a influência da escrita na oralidade.

Em nosso trabalho temos observado, nas atividades discursivas de recontagem de histórias por crianças ainda não alfabetizadas, marcas linguísticas formais referentes à linguagem escrita. Entretanto, estas sinalizações da escrita na fala, mostram-se insuficientes para explicar a relação entre as duas modalidades de linguagem.

De Lemos (1988) ao comentar sobre a concepção de escrita subjacente nas várias atividades da criança, aponta para a relação existente entre os modos de participação da criança nessas atividades e para os papéis assumidos na interação entre os interlocutores centrados tanto no ato de ler, quanto no ato de escrever. Ainda segundo a autora, é quando a criança assume o papel do adulto nessas interações que seu modo de falar como quem lê, reflete uma concepção do ato de ler construída a partir de uma história de interlocução inscrita no objeto.

Para a autora são nas situações de 'ler-se' um livro de história (ou seja, objetos portadores de texto), que se criam práticas discursivas e onde estes papéis alternam-se (De Lemos, 1989)

Rojo (1991) faz uma análise das perspectivas enunciativas no desenvolvimento do discurso narrativo (em suas modalidades oral e escrita) e do entrelaçamento existente entre o jogo de papéis e o processo de letramento inicial através de atividades discursivas sobre portadores de texto.

Para a autora, a experiencição de diferentes perspectivas

do lugar de observador e participante (diz a autora, esta existe sem a separação destes lugares: participante da interação/observador da estória; participante da estória na interação/observador do outro) é constitutiva das possibilidades narrativas. Deste modo, ela afirma que a participação na interação depende da perspectiva negociada, e que todas são constitutivas tanto da narrativa quanto do letramento.

Kato (1986) aponta para a relação entre oralidade X escrita assumindo uma perspectiva de análise de marcas linguísticas. A autora cita o trabalho de Brown (1981, apud Kato 1986) em que a autora distingue dois tipos de fala - uma anterior à experiência da escrita (a fala pré-letramento) e outra posterior a essa experiência (a fala pós-letramento) - dessa forma procurando mostrar como seria uma abordagem linguística formal em função de características sintáticas, lexicais e morfológicas. Kato cita também o trabalho de Ochs (1979, apud Kato 1986) no estudo do desenvolvimento da linguagem em que a autora diz que a forma linguística na fala é função do grau de planejamento verbal, e não apenas do estágio da aquisição.

Em nossos dados temos observado marcas linguísticas sinalizadoras da escrita presentes numa fala letrada em situações onde a criança narra uma estória, ou seja, neste momento, o modo de falar da criança é como o de quem lê.

Note-se os exemplos:

(M. está com a investigadora e com outras crianças no "canto do livro")

M-Um belo dia di castelo, rainha concedeu seus...seus oito anos di Bela Adormecida ó.(aponta para a ilustração)

S-Mas a Bela Adormecida era bebê ainda, num é?

(M. vira a página)

I-E aí?

M-Eles acordaram as treis flaudas dizendo Fauna, Flora e Primavera. São as fadinhas aquelas que vão dispertar o seu dedo vão chamarem-se o príncipe prá bejá a Aurora.(M. olhava para a ilustração, porém contava a estória olhando para a parte escrita)

G-A Bela Adormecida é Aurora.

M-É. (vira a página) Depo...daqui a poquimho o trmeno...anteon tem...o tremeno raio de fogo, a bruxa malévola apareceu.

(...)

M-I o rei falou qui...qui...prá...prá jogá fora todas as rocas para não furá o dedo di ninguém.

(...)

I-Ah! E daí o príncipe matô a bruxá malvada.

M-É. Matô. (vira a página) I aqui tá a ispada dele e a Bela Adormacida dormecida. (aponta as gravuras) I acabô a istória.

(...)

Em M., aluna do Jardim I, na sua prática discursiva sobre o portador da "Bela Adormecida", há uma recontagem da estória no seu ato de leitura sobre a ilustração. Ela tem um procedimento do tipo fonológico-grafêmico através das constantes modificações feitas em 'prá-para'. Há uma anteposição de adjetivos em segmentos como "um tremendo raio". Observa-se também uma colocação pronominal característica da escrita como em 'chamam-se'. Os segmentos do tipo 'um belo dia' e 'acabô a estória' são marcadores do discurso narrativo do tipo "estória" (Peroni, 1983).

Contudo, estas noções têm se mostrado insuficientes para a explicação da noção de fala letrada. Há segmentos não analisados como no exemplo abaixo:

(M. ainda no 'canto do livro' contando uma estória para a investigadora)

I-Por que eles tavam preocupados?

M-Porque os filhos não haviam mais im casa e eles tavam muito preocu... (vira a página) Depois di, di manhãzinha, a, a, madrasta deu... (pausa) um pãozinho. Metade prá cada um de pão prá eles. I foram buscar lenha para o pai fazer uma fogueira.

Entretanto estes segmentos não-analisados adquirem uma forma e conteúdo (que são dois pólos indissociáveis) tanto em referência externa (a criança do lugar de narrador) como em uma referência interna (na narrativa da estória).

É necessário considerar que nesta atividade discursiva M. está assumindo uma perspectiva de narrador da estória e exercendo o seu nível de desenvolvimento real (Vygotsky, 1934) em relação à internalização do discurso letrado. Segundo Vygotsky a internalização é a reconstrução interna de uma operação externa (1934:63).

Verifica-se um discurso interno monológico com base na ilustração. Embora haja uma intencionalidade de M. em narrar a estória, esta intencionalidade não se refere a possibilidade de estratégias cognitivas de análise seja de natureza sintática, seja de natureza semântica, pois segmentos como não haviam apenas assumem um significado dentro da narrativa de M. .

Esta reconstrução se concretiza no uso, no significado da do para cada um destes segmentos na atividade discursiva de M. do lugar de narrador.

Nesta perspectiva podemos interpretar estes segmentos como fragmentos da fala letrada do outro que viabilizou a reconstrução do objeto (texto) atribuindo-lhe um outro modo de falar: o modo de falar como quem lê.

**PALAVRAS-CHAVES: LETRAMENTO-INTERAÇÃO- LINGUAGEM-DISCURSO -  
NARRATIVA.**

## BIBLIOGRAFIA

- DE LEMOS, C. G. T. (1988) Prefácio, in M. A. Kato (org.) A  
Concepção da Escrita pela Criança : 9-14. Campinas: Pontes.
- KATO, M. (1986) No mundo da escrita: uma perspectiva psico-  
linguística. SP: Ed. Ática.
- ROJO, R. H. R. (1991) "Espelho, espelho meu": o jogo de papéis  
e a constituição da narrativa e do letramento. Anais do Ilo.  
Encontro sobre Aquisição de Linguagem. PUC-RS.
- VYGOTSKY, L. S. (1934) A Formação Social da Mente. SP: Martins  
Fontes.